MEIO

Embalagens vazias de

Em São Paulo, projeto pioneiro retira do campo

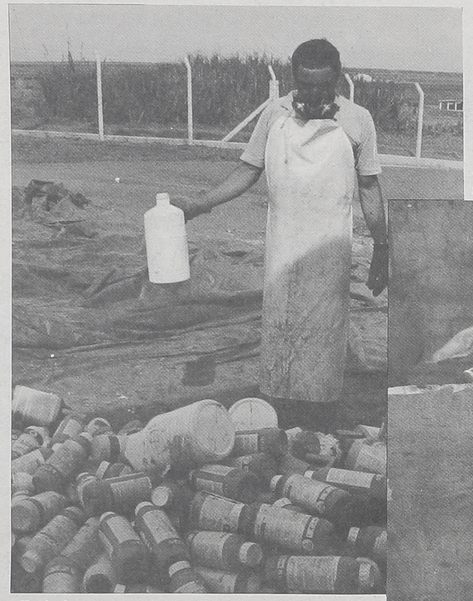
Roberto Nicolato
Guariba (SP)

Embalagens vazias de agrotóxicos têm sido um grande problema para o agricultor e para a saúde pública. O último levantamento feito pela Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) revela que somente na safra 91/92 pelo menos 3.500 toneladas de embalagens plásticas foram utilizadas pelos agricultores em todo o país. O destino delas? Não é difícil adivinhar. Se não estão às margens de córregos e rios, poluindo o meio ambiente, foram incineradas ou vendidas como sucata sem qualquer tipo de controle.

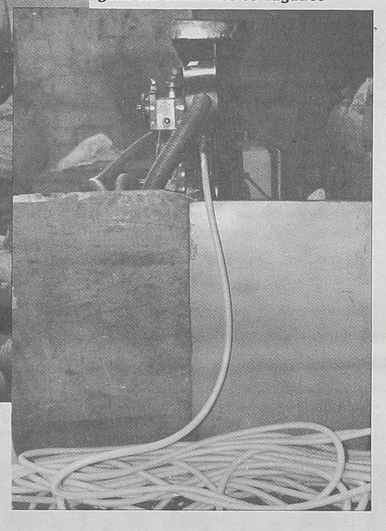
O problema é antigo - começou na década de 70 com o uso intensivo de agrotóxicos nas lavouras - e envolve discussões calorosas. Mas hoje todos estão convictos de que somente com atuação conjunta dos produtores, cooperativas, governo e indústrias se poderá encontrar um destino certo para as embalagens vazias.

A cooperativa dos Produtores de Cana da Zona de Guariba (Coplana), que fica na região Norte do estado de São Paulo e tem 1700 associados, decidiu não dar as costas a essa situação. Está implantando um projeto piloto para coleta e reciclagem das embalagens de agrotóxicos, coordenado pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado, com assessoria técnica da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (Andef).

O projeto começou a ser colocado em prática em meados do ano passado, com uma intensa campanha - incluindo palestras e vídeos - junto aos associados da Coplana. Segundo o assessor técnico da Andef, Luiz Felippe Fontes, a idéia só vingou por causa da parceria, que também envolve a Prefeitura de Guariba, a Secretaria de Agricultura do Estado e a Cetesb (Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Básico de São Paulo).



Embalagens vazias são lavadas no galpão da Coplana



Indústria vai transformar embalagens em conduítes corrugados

Tríplice lavagem

De acordo com o assessor técnico da Andef, o produtor é o principal interessado em dar uma destinação ao material, que fica na sua propriedade. E, neste caso, a primeira providência a tomar é fazer a tríplice lavagem das embalagens imediatamente após a sua utilização. "É um trabalho rápido e eficiente para a descontaminação e com a vantagem de que as sobras de produto poderão ser reutilizadas no pulverizador", afirma.

A Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba montou um galpão equipado com um triturador de vidro e uma prensa para enfardar as embalagens plásticas e metálicas. A cooperativa já recebeu 20 toneladas de material limpo, a maioria embalagens plásticas. Assim que atingir a carga mínima, que deverá ser de 30 toneladas, as embalagens serão adquiridas pela empresa Dinoplast Indústria e Comércio Ltda, que fica no município de Louveira, a 73 km de São Paulo.

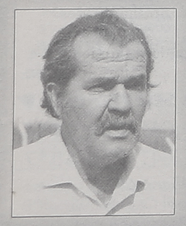
Na indústria, as embalagens serão transformadas em conduítes corrugados - materiais utilizados na construção civil para proteger as fiações. "Esta reciclagem seletiva não oferece riscos à saúde da população e nem ao meio ambiente", garante Luiz Felippe.

Os técnicos da Cetesb vão fiscaliar o transporte, armazenagem e reciclagem do material. Assim que a indústria de Louveira começar a processar as embalagens, a Cetesb estará realizando testes biológicos a cada semana para analisar as condições da água descartada pela indústria após o processo de reciclagem, evitando assim a poluição e degradação ambiental.

A recicladora de Louveira tem capacidade para processar três mil toneladas por ano, o suficiente, segundo o assessor da Andef, para sozinha reciclar todas as embalagens descartadas anualmente no Estado de São Paulo, que hoje consome 30% dos agrotóxicos vendidos no País. A Coplana inclusive está disposta a ampliar o seu raio de atuação para outras regiões do estado.

Quanto ao vidro e ao metal não há problemas de processamento, segundo Luiz Felippe, porque não geram emissão de efluentes líquidos e são reciclados em temperaturas que atingem até 1.500 graus centígrados. Empresas como a Cisper, de São Paulo, com filial em Ribeirão Preto já demonstram interesse em adquirir as embalagens de vidro. A reciclagem do metal ficará por conta de indústrias filiadas ao Sindicato de Estamparia de Metais do Estado de São Paulo.

O projeto Guariba faz parte de um amplo programa da Andef que envolve várias fases. A Associação também quer melhorar as condições físicas das embalagens para que os produtos escoem e possam ser lavados com mais facilidade. "A nossa intenção é que até o final de 1999 as embalagens de agrotóxicos vazias sejam retiradas do campo nas mais diferentes regiões do Brasil", afirma o assessor técnico da Andef.



Destinação segura incentiva produtores

O município de Guariba fica a 60 km de Ribeirão Preto, numa região ocupada por grandes canaviais e usinas de álcool e açúcar. As aplicações de agrotóxicos são feitas uma vez por ano após o corte da cana. Só na safra passada, a Coplana e o comércio de Guariba venderam 527.340 litros de agrotóxicos em embalagens plásticas, 48,3 mil em vidros e 225 mil em embalagens metálicas, que foram abandonadas no campo.

O engenheiro agrônomo Gilberto Santiago, da Coplana, diz que o projeto não sai de graça para a cooperativa, que tem custos com energia elétrica e com o pagamento de dois funcionários contratados para separar as embalagens. Mas assim que o material for vendido para as indústrias, ele acredita que haverá um retorno para cobrir os custos.

O importante, segundo ele, é que a tríplice lavagem e reciclagem seletiva e segura das embalagens vazias de agrótoxicos, estão resolvendo um grande problema entre os produtores de cana da região. "Há a poluição do meio ambiente e hoje a fiscalização está sendo rígida. Algumas destilarias já foram multadas por vender embalagens para sucateiros, o que é um grande perigo", afirma. Segundo ele, hoje as multas são inafiançáveis.

Com o projeto, o engenheiro agrônomo da Coplana acredita que vai ser possível confrontar a quantidade de agrotóxicos vendida com as embalagens vazias que vão retornar para a cooperativa. Ele afirma que os produtores estão empolgados e que a Coplana tem recebido embalagens até do município de Jaú, que fica a 200 km de Guariba. Santiago explica que o retorno das embalagens limpas poderá inclusive reduzir os custos, já que diminui o trabalho de separação do material.

ESPORTE

A Copa na visão do agricultor

Produtor rural acha que a seleção não está com a bola toda

Luiz Carlos Rizzo
Maringá

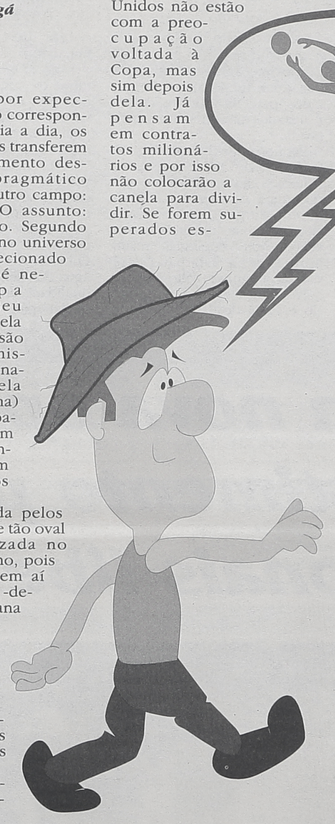
Escalado por expectativas não correspondidas em seu dia a dia, os produtores rurais transferem esse comportamento desconfiado e pragmático também para outro campo: o do futebol. O assunto: Copa do Mundo. Segundo consenso geral no universo agrícola, o selecionado brasileiro não é nenhuma Brastemp a julgar pelo seu nível técnico e pela péssima impressão deixada no amistoso contra o Canadá (empate pela contagem mínima) e preparatório para a estréia em 20 de junho, contra a Rússia, em S.Francisco, nos Estados Unidos.

A bola jogada pelos brasileiros parece tão oval quanto a utilizada no futebol americano, pois que não está nem aí com o "soccer" -designação americana para definir o esporte introduzido por Charles Miller. O que falta? Falta (quase) tudo: determinação, garra, mais técnica, menos vedetismo.

Com a palavra, os produtores rurais:

Nilson Fregoneis, 25 alqueires em Santa Fé, Norte do Estado, onde cria gado de corte e produz algodão e soja:

"Só acredito no selecionado brasileiro a partir do momento em que houver um pouco de seriedade. Alguns jogadores precisam deixar de pensar em só ganhar dinheiro. Tem também muita politicagem e um certo protecionismo para determinados jogadores que jogam uma bolinha desse tamanho. O problema é que muitos jogadores brasileiros que estão nos Estados Unidos não estão com a preocupação voltada à Copa, mas sim depois dela. Já pensam em contratos milionários e por isso não colocarão a canela para dividir. Se forem superados esses problemas, acho que dá pra chegarmos à final. E isto só será conseguido com uma palavra: determinação. Jogar futebol, o Brasil sabe e de sobra. Tem que haver mais amor à camisa, menos frescura e menos vedetismo."



"Sou otimista. Acho que vamos faturar o tetra". (Carlos Alberto C. de Oliveira)

Carlos Alberto Campos de Oliveira, pecuarista, 200 alqueires em Jandaia do Sul, Norte do Paraná:

"Com exceção de uma Alemanha, Argentina ou Itália, não tem bicho-papão nesta Copa. Dentro dessa visão, acredito que dá pra trazer o tetra. Sinto uma energia positiva muito grande na torcida brasileira que, se transferida aos jogadores em campo, acho que acabaremos com um jejum de 24 anos. Bem que a gente precisa da alegria de uma conquista de Copa do Mundo. Tecnicamente, não somos inferiores a ninguém e temos jogadores que, num só lance, podem decidir o resultado de uma partida: Bebeto e Romário. Na primeira fase, enfrentando uma bagunçada Rússia e os frágeis Camarões e Suécia, o Brasil não terá maiores problemas. O caldo vai co-meçar a engrossar a partir daí. E acho que temos que impor respeito aos nossos adversários e não ficar com medo ou excessivamente preocupados com eles."

"Dão uma importância maior ao futebol como se a conquista de tetra fosse a salvação do país." (Daniela Galvão, agrônoma)

Daniela Galvão Garcia, agrônoma de Maringá:

"Não entendo muito de futebol e portanto não sei se o Brasil tem chances reais de ser campeão nos Estados Unidos. Só sei dizer uma coisa: o Brasil trata a participação de seu selecionado como se fosse a coisa mais importante do mundo. Fica a falsa impressão de que, se ganharmos o tetra, todos os nossos problemas sociais de décadas e séculos estarão resolvidos. Existe um excesso de euforia e uma preocupação excessiva com algo que não deveria extrapolar à preocupação meramente esportiva. Será que o futebol, na prática, não estaria sendo usado mais uma vez para camuflar os nossos verdadeiros problemas do dia a dia? E se o Brasil não passar da segunda fase? Dá pra imaginar a frustração nacional? Acho que precisaríamos dosar um pouco mais as emoções e não carregar tudo em cima do futebol. Não vale a pena."

Osmar Dias, agrônomo, produtor rural e ex-Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Paraná:

"Falta determinação. Sobra vedetismo." (Nilson Fregoneis

"Em primeiro lugar, o técnico Parreira tem que deixar esse lado seu de retranqueiro. Por que não optar de uma vez por três atacantes: Romário, Bebeto e Ronaldo? Por que insistir com Raí e Branco? Por que jogar com dois cabeças-de-área? Por que manter um meio de campo lento, sem criatividade que não faz ligação eficiente com o ataque? Se Parreira insistir com o atual meio de campo, onde o único jogador criativo é o Zinho, sofreremos muito durante a Copa. Teremos lá na frente Bebeto e Romário isolados e quase sem tocar na bola. Não é preciso ter medo para lançar Ronaldo, que tem os mesmos 17 anos de Pelé, quando de sua estréia no selecionado brasileiro, em 58, na Suécia.

Com esse esquema tático medroso, fica difícil acreditar na conquista do tetracampeonato. Claro que o Brasil tem futebol para chegar às finais. Agora, conquistar o tetra será uma coisa de momen-to e se nossos jogado-res estiverem muito inspi-rados. Já pensou se o Brasil repetir o futebolzinho que apresentou no amistoso contra o Canadá?" ■

"Parreira é retranqueiro e medroso. Dá pra confiar no seu esquema técnico?" (Osmar Dias)

CONVOCAÇÃO

Ficam convocadas as pessoas interessadas em participar da reunião de fundação e constituição do Instituto de Desenvolvimento Educacional e Pesquisas do Meio Ambiente a ser realizada dia ***19 de junho às 10:00 horas à Rua Salvador Graciano nº 296 - sobreloja em Antonina/Paraná.***

ACERVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR